

**RESENHA DE MACHADO DE ASSIS'S PHILOSOPHER OR DOG?
FROM SERIAL TO BOOK FORM, DE
ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA**

SILVA, Ana Cláudia Suriani. *Machado de Assis's Philosopher or Dog? From serial to book form*. Oxford: Legenda (Maney Publishing), 2010. 200p.

Nem cão, nem filósofo. Escritor moderno, no melhor sentido baudelairiano. Eis o que se depreende do texto de Ana Cláudia Suriani da Silva, que se propõe a analisar a passagem do formato folhetinesco para o formato em volume único de *Quincas Borba*, *Philosopher or Dog?*, em inglês.

Desde a introdução, a autora propõe-se a trabalhar na mesma direção dos estudos desenvolvidos por Franco Moretti, a fim de relacionar a obra machadiana aos grandes movimentos literários em torno do romance moderno de maneira mais universal. Compara uma primeira versão, publicada em *A Estação*, e uma segunda versão, em volume, trabalhada já antes do final da publicação em folhetim e que conhecemos mais largamente nos dias de hoje.

O objetivo principal da empreitada é mostrar que se trata do romance de virada de Machado de Assis no que diz respeito à sua relação com o folhetim, sobretudo porque talvez seja o último grande exemplo do gênero no Brasil. Outra conclusão que se depreende é justamente o fato de um romance tão complexo apontar para as limitações do gênero folhetinesco em terras nossas, motivo que justifica largamente o interesse da autora pelas questões estruturais da narrativa, tais como intriga, personagem e narrador.

O livro é dividido em duas grandes partes, sendo a primeira dedicada às questões relativas ao formato, aos modos de produção e de circulação e ao contexto de recepção. A segunda trata, fundamentalmente, das questões formais relativas às técnicas narrativas nas duas versões. É interessante, no entanto, observar que não se trata de um trabalho que tenderia para uma leitura genética dos processos de criação do texto machadiano, pelo menos não da forma como essa proposta é levada a cabo na maior parte dos trabalhos. Isso porque a autora se preocupa, acertadamente, com as condições de produção e de recepção do texto, sem dúvida, mas também com as condições de

enunciabilidade de cada uma das versões; ou seja, com os elementos que tornam possíveis a circulação e a leitura de cada uma das versões em suas especificidades enunciativas (daí, por sinal, a interessante análise da problemática instância narrativa, a que retornaremos).

Retomando uma necessária linearidade, a primeira parte do livro oferece um escrutínio do contexto de leitura das duas versões, passando por questões que vão das práticas machadianas anteriores a *Quincas Borba*, dos elementos estruturais da produção folhetinesca e a forma como estes são tratados no Brasil, a questões relativas à produção e à circulação da revista *A Estação*, sua relação com a matriz alemã, o viés francês e a importância desses fatores na construção de uma ideia sobre o público leitor da seção na qual eram publicados os capítulos em folhetim. Vemos que, para além de um contexto de produção, há uma íntima relação temática entre uma ideia de moda, que passa por um viés afrancesado, e a própria temática desenvolvida pela intriga machadiana.

Mais do que uma contextualização tradicional, que continuaria colocando-nos em posição passiva, de simples resolução de distâncias espaçotemporais com relação ao texto machadiano, a autora sugere uma forma mais complexa de relação, que pretende colocar o leitor diante da complexidade do trabalho formal machadiano. Há, portanto, nessa primeira parte, um trabalho que vai além de uma historicização dos modos de produção e de circulação de textos no Brasil. Vê-se uma verdadeira problematização dessas possibilidades a partir de práticas de escrita, de leitura e de discursos ambíguos ou demasiado lacônicos, tanto por parte dos que controlam a publicação em geral como por parte, por exemplo, do próprio Machado de Assis, discreto ao extremo nos rastros que nos legou.

É justamente devido à complexidade de se definir um contexto de produção ou de se pressupor um contexto de recepção a partir, por exemplo, do discurso da própria revista, ou dos editores, que a autora adentra a segunda parte do livro, na qual relaciona a narrativa machadiana em *Quincas Borba* à acertada imagem do caleidoscópio.

A narrativa em questão é primeiramente lida a partir da relação estabelecida por Eugênio Gomes entre o texto machadiano e o *Diário de um louco*, de Gógol, relação

essa já desenvolvida pela autora em número anterior desta revista.¹ Trata-se de relação exemplar, que segue a mesma linha de problematização anteriormente mencionada, já que o leitor se vê diante de uma fonte problemática do texto machadiano. Isso porque, apesar de encontrarmos a versão alemã do texto na biblioteca de Machado de Assis, sabemos que provavelmente o escritor não havia ainda alcançado um nível de conhecimento de língua alemã que lhe permitisse uma leitura fluente, sendo mais provável que tenha lido o livro na versão em francês, idioma que dominava. Assim, além das questões relativas às temáticas encontradas no texto russo e no machadiano, sobretudo o tema da megalomania imperial, temos uma das questões mais caras à crítica machadiana brasileira: o narrador. Assim como na primeira parte, a autora interessa-se pelas condições de circulação de Gógol para a leitura machadiana, problematizando de maneira muito interessante a tradição comparatista no tratamento que dá às fontes.

A autora faz então uma análise do texto de Gógol, naquilo que ele se revela interessante para a de *Quincas Borba*, da estrutura de diário ao desenvolvimento da questão da loucura, fundamental para a compreensão do personagem machadiano. Passa, em seguida, à análise do ponto de vista, o que a leva a trabalhar a questão relativa à natureza do narrador e à sua universalidade.

Como se trata de uma comparação das versões – o que nunca se perde de vista – e tendo esses questionamentos como pano de fundo, o estudo retoma a questão do folhetim e a escrita da primeira versão sob o signo desse gênero. A autora observa fundamentalmente a complexidade da intriga e a produção de suspense, elementos colocados como característicos do folhetim e que lhe servirão de base para a comparação com a segunda versão, em volume. Detém-se sobre o planejamento, aliada ao trabalho frequente, tensão presente na estrutura da intriga, além do trabalho relacionado às intrigas secundárias e aos personagens.

Dessa análise depreende-se um sistema de produção muito mais complexo do que se supunha, talvez porque muito fortemente marcado pelo preconceito dos leitores mais refinados que acabaram repudiando o folhetim. Acompanha-se uma autoria mais compartilhada, no que concerne tanto ao contexto de circulação do texto e de seu leitor

¹ Cf. SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Gogol, matriz de *Quincas Borba*. *Machado de Assis em linha*: revista eletrônica de estudos machadianos, número 1, junho de 2008. Acessível em: <http://machadodeassis.net/download/numero01/num01artigo08.pdf> Acesso em 15/10/2010.

empírico quanto à produção material do mesmo – como a importância, no caso, do tipógrafo, responsável pelos cortes operados no texto, problemas relativos ao espaço ocupado pela coluna literária. Estamos diante dos mesmos problemas estudados por críticos dedicados às obras de Balzac, Hugo, Dickens, Dumas...

A importância desse tipo de leitura é que ela de fato permite que a obra machadiana produza um interesse mais universal para a crítica especializada nesse período ou nessa forma de produção. Penso mais pontualmente nos críticos que se interessam pelos estudos relacionados à formação do romance, à formação de leitores, à constituição de campos.

As mudanças na intriga, observadas entre as duas versões, são da ordem do enxugamento de intrigas acessórias: observa-se uma simplificação da intriga de *Quincas Borba* em seu tratamento para publicação em volume único. O leitor acompanha, ainda, os efeitos da crise da intriga na publicação seriada e como o autor recorre ao melodrama para sua resolução, retomando, posteriormente, uma quantidade mínima e indispensável de eventos na segunda versão.

O mesmo procedimento de análise é aplicado no que toca à resolução da intriga, claramente diferente nas duas versões, o que aponta para uma das características mais significativas da produção folhetinesca e um dos elementos que mais interessam para a formação do romance como gênero menos popular e mais universal.

No sexto capítulo, acompanhamos em que medida todas as modificações feitas no texto seriado contribuem para uma definição da loucura do personagem principal: Rubião. É muito interessante como a autora não se furta a analisar os efeitos produzidos por todo o trabalho de recenseamento de variações textuais de forma mais interpretativa, liberando-se da carga documental que poderiam ter-lhe imposto os materiais analisados.

No capítulo final, temos a análise da confiabilidade do narrador de *Quincas Borba*, além de uma reflexão acerca de como a retórica do texto articula a construção das relações entre autor implícito e narrador. Para isso, a analista trabalha a partir das especificidades presentes em outras práticas machadianas, como em *Dom Casmurro*, e sua relação com a obra analisada. A autora enfrenta questões caras à crítica machadiana tradicional, como a leitura shandiana de Machado, assim como se propõe a

compreender o problema a partir do Humanitismo em sua relação com a trajetória do personagem nas duas versões.

De fato, o texto interessará sobremaneira tanto ao leitor crítico brasileiro como à crítica internacional que estude as relações entre a formação do romance e seus modos de circulação na segunda metade do século XIX, já que Machado de Assis não faz uso, obrigatoriamente, das mesmas soluções encontradas nas práticas europeias. Resta-nos, finalmente, uma importante análise da especificidade machadiana diante do cenário europeu, o que nos permite uma liberação crítica com relação ao tratamento da produção europeia como fonte e, por que não, uma problematização do conceito de fonte.

Verónica Galíndez-Jorge
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Verónica Galíndez-Jorge é professora do Departamento de Letras Modernas da USP, onde atua na Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês. Publicou recentemente *Fogos de artifício: Flaubert e a escritura*, em que analisa manuscritos do escritor francês e discute seu processo de criação. E-mail: vegarj@usp.br